
GEOSSÍMBOLOS DA VIDA EM RAPOSA, MARANHÃO: ENTRE REDES, RENDAS E BARCOS

GEOSYMBOLS OF LIFE IN RAPOSA, MARANHÃO:
AMONG BILRO LACE, FISHING NETS AND BOATS

GEOSÍMBOLOS DE LA VIDA EN RAPOSA, MARANHÃO:
ENTRE EL TEJIDO DE ENCAJE DE BOLILLOS, LA REDES DE PESCA Y LOS BOTES

Alex Nunes Silva¹

RESUMO: As cidades de Raposa, São Luís, São José de Ribamar e Paço do Lumiar compõem a Ilha do Maranhão. A história de Raposa está diretamente vinculada à chegada dos primeiros pescadores cearenses, na década de 1950, seguidos de suas esposas, as mulheres rendeiras. Ao longo dos anos, as atividades da pesca e da renda foram se consolidando na cidade, bem como a prática do turismo – manifestados em seus geossímbolos, tais como a Colônia dos Pescadores, a Associação das Rendeiras e as Agências de Passeios Náuticos. São esses exemplos dos geossímbolos de Raposa, pois têm a força de emanar o pertencimento àquela comunidade. Desse modo, esse artigo tem por objetivo fazer uma descrição acerca dos conceitos de geossímbolos, sobre a historicidade de Raposa, bem como uma análise “entre rendas, redes e barcos”, sendo que tais símbolos refletem as tradições e problemáticas da Terra Raposa cultural.

Palavras-chave: Raposa-MA. Geossímbolos. Pescadores. Rendeiras. Promotores Turísticos.

ABSTRACT: The cities of Raposa, São Luís, São José de Ribamar and Paço do Lumiar compose the Maranhão Island. The history of Raposa is directly linked to the arrival of the first fishermen from Ceará, at the 1950's, coming right after their wives, known as rendeiras. Through the years, the fishing and bilro lace activities were consolidated in the city, as well as the touristic practice – manifested in their geosymbols, such as the Fisher's Colony, the Rendeiras' Association and the Boat Trip Agencies. These are examples of geosymbols of Raposa, because it has the power in emanating the sense of belonging to that community. In this way, this paper has as goal to make a description

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. E-mail: alexnunes_18@hotmail.com.

Artigo recebido em dezembro de 2020 e aceito para publicação em março de 2021.

about the concepts of geosymbols, about the historicity of Raposa, as well as an analysis “among bilro lace, fishing nets and boats”, which these symbols reflect the traditions and problematics of the Raposa cultural land.

Keywords: Raposa-MA. Geosymbols. Fishermen. Rendeiras. Touristic Promoters.

RESUMEN: Las ciudades de Raposa, São Luís, São José de Ribamar y Paço do Lumiar conforman la Isla de Maranhão. La historia de Raposa en particular está directamente ligada a la llegada de los primeros pescadores de Ceará, en la década de 1950, justo después de sus esposas, conocidas como rendeiras. A lo largo de los años se consolidaron en la ciudad actividades como la pesca y el tejido de encaje de bolillos, así como la práctica turística, manifestada en sus geosímbolos, como en la Colonia de Pescadores, la Asociación de Rendeiras y las Agencias de Paseos en Bote. Estos son ejemplos de los geosímbolos de Raposa, porque tienen el poder de emanar el sentido de pertenencia a la comunidad. De esta manera, el presente artículo tiene como objetivo realizar una descripción del concepto de geosímbolos, sobre la historia de Raposa, así como un análisis “entre el tejido de encaje de bolillos, las redes de pesca y los botes”, cuyos símbolos reflejan las tradiciones y problemáticas del territorio cultural de Raposa.

Palabras clave: Raposa-MA. Geosímbolos. Pescadores. Rendeiras. Promotores Turísticos.

INTRODUÇÃO

A cidade de Raposa, situada na Ilha do Maranhão, distante cerca de 28 km do Centro de São Luís, tem a sua história e a sua própria dinâmica socioeconômica atual vinculada à pesca, à renda de bilro e ao turismo. Tais práticas são responsáveis por manter economicamente considerável parcela da sociedade raposense, assim como também revelam o lado cultural, exposto através dos depoimentos, das ações, do saber fazer, sendo que essas práticas, em especial da pesca e da renda de bilro, remetem à migração dos antigos pescadores cearenses na década de 1950, que escolheram Raposa como novo lar, devido às condições climáticas desfavoráveis que abatiam parte do Nordeste brasileiro à época.

A partir desse viés cultural, percebemos que Raposa é um campo fértil de atuação da Geografia Cultural, no sentido da descrição dos fenômenos ali expostos, da relação entre os pescadores, rendeiras e promotores turísticos com seus geossímbolos, como a Colônia dos Pescadores, a Feira dos Pescadores, o Corredor das Rendas, a Associação das Rendeiras, as Agências de Passeios Náuticos, respectivamente, sendo estes símbolos (i)materiais impressos no território, aludindo às suas identidades enquanto agentes espaciais que trabalham e fazem a vida acontecer.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo descrever, a partir dos depoimentos obtidos em campo, coletados entre março de 2018 e agosto de 2019, a relação entre pescadores, rendeiras e promotores turísticos com seus geossímbolos supracitados, em que se revelou um conjunto de significados entre os agentes espaciais com seus territórios da identidade, bem como as problemáticas enfrentadas, mas que ainda assim tais territórios, por meio dos seus símbolos (i)materiais, emanam entre seus agentes o senso do pertencer à Raposa – da pesca, da renda de bilro e do turismo.

Consideramos necessário utilizarmos o método fenomenológico, tendo centrada a discussão nos próprios agentes espaciais entrevistados: pescadores, rendeiras e promotores turísticos, em

que, de acordo com Sposito (2004, p. 38), fenomenologia “é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois dele se apropriar intelectualmente”.

Já que os sujeitos estão no centro das discussões, pudemos então conhecer o cotidiano dos agentes espaciais entrevistados, com fundamento na observação, nos registros fotográficos, associados às entrevistas, as quais, de acordo com Marconi e Lakatos (2001, p. 107), são “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”, no modelo semiestruturado – em que há um roteiro pronto, porém dando maior oportunidade de fala aos entrevistados, no acréscimo de informações pertinentes à pesquisa.

Os entrevistados – pescadores, rendeiras e promotores turísticos – tiveram seus nomes preservados, sendo identificados ao longo do trabalho, em um total de vinte entrevistas, conforme ilustrado no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1. Relação das entrevistas.

Entrevistado “1”	Funcionário da Colônia de Pescadores
Entrevistado “2”	Pescador, presente no Centro de Raposa
Entrevistada “3”	Associada à Colônia de Pescadores
Entrevistada “4”	Associada à Colônia de Pescadores
Entrevistado “5”	Vendedor de Pescado, presente na Feira dos Pescadores
Entrevistado “6”	Vendedor de Pescado, presente na Feira dos Pescadores
Entrevistado “7”	Funcionário de peixaria, junto à Feira dos Pescadores
Entrevistado “8”	Vendedor de Pescado, presente na Feira dos Pescadores
Entrevistado “9”	Pescador, presente na Feira dos Pescadores
Entrevistada “10”	Moradora de Raposa, proprietária de uma loja de renda de bilro no Corredor das Rendas
Entrevistada “11”	Rendeira e Presidenta da Associação das Rendeiras Bilros de Ouro
Entrevistada “12”	Rendeira, presente em sua casa, em Raposa
Entrevistada “13”	Funcionária da Agência de Passeio Náutico “P. N.”
Entrevistada “14”	Proprietária da Agência de Passeio Náutico “G. T.”
Entrevistado “15”	Funcionário da Agência de Passeio Náutico “A. T.”
Entrevistada “16”	Funcionária do Centro de Informação ao Turista de Raposa
Entrevistada “17”	Turista belga presente no Porto do Braga
Entrevistada “18”	Acompanhante da turista belga
Entrevistado “19”	Turista alemão residente em São Luís
Entrevistada “20”	Turista carioca presente na Orla de Raposa

Org.: o autor (2020).

Além das entrevistas semiestruturadas, foram feitas revisões bibliográficas acerca de questões da própria história de Raposa, sobre conceitos de geossímbolos, no sentido de associar a importância das identidades socioculturais de Raposa com os saberes geográficos. Ademais, foram feitos registros fotográficos e elaborados mapas temáticos de localização.

Destarte, o artigo está estruturado do seguinte modo: introdução, apontamento sobre geossímbolos, descrição sobre a vida em Raposa e sobre os fenômenos em estudo, além da conclusão. Os resultados revelaram que Raposa, apesar das problemáticas presentes, é

uma Terra que emana o senso de pertencimento, através da história oriunda do Ceará, da pesca, do saber fazer a renda de bilro e do orgulho em apresentar Raposa para o Brasil e o mundo, pelos passeios náuticos. Raposa representa um lugar de encontros e saberes. É a Terra onde as tradições estão aliadas com aspectos socioeconômicos. Raposa é assim: diversa e plural, tanto em aspectos econômicos como sociais.

GEOSSIMBOLISMO: BREVES APONTAMENTOS

Dentre os principais autores que trabalham com geossímbolos, citamos aqui Jöel Bonnemaïson, falecido no ano de 1997 durante um trabalho de campo em Nova Caledônia. O autor em questão deixou um legado de obras publicadas em diferentes idiomas, levando para o mundo um conjunto de significados e atribuições dadas aos geossímbolos, contribuindo assim para o enriquecimento da própria Geografia Cultural.

Os geossímbolos são múltiplos e diversos, estando presentes nos mais diversos espaços culturais. São dotados de poder identitário, refletindo as crenças, os saberes, os costumes e as tradições de determinado povo. São espaços do vivido, do percebido, que expressam a história e a realidade do individual e do coletivo.

Nesse sentido, Bonnemaïson (2012, p. 292) descreve o conceito de geossímbolos: “pode ser definido como um lugar, um itinerário que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Percebemos que a fala do autor relaciona o conceito de geossímbolos a outros conceitos-chave trabalhados dentro da Geografia, como o lugar, que se manifesta “em torno dos processos de construção identitária e/ou do espaço vivido” (HAESBAERT, 2014, p. 43), conceito esse que exprime a identidade e o pertencimento. Nessa acepção, seu significado traduz o modo como a própria vida ali se (re)produz cotidianamente, onde a memória revela a historicidade da relação entre as pessoas com esse lugar do pertencimento.

Bonnemaïson ainda associa os geossímbolos com a territorialidade, em que há uma gama de conceitos nessa significação. Antes de adentrarmos as concepções do referido autor, Sack (1986, p. 03) nos traz o conceito de territorialidade:

É um uso histórico sensitivo do espaço, especialmente quando é socialmente construído e depende de quem controla e por quê. É um componente geográfico chave em entender como sociedade e espaço estão interconectados.

Ademais, Bonnemaïson associa tal conceito como uma expressão dos grupos étnicos, “[...] no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes [...]” (BONNEMAISON, 2012, p. 285-286), bem como dos grupos culturais “que o investem física e culturalmente num território” (BONNEMAISON, 2012, p. 286), território esse que revela um conjunto de valores e marcas culturais, em que:

Território é então um geossímbolo, por exemplo, um lugar, um itinerário, um espaço, que adquire aos olhos de etnias e povos a dimensão cultural e simbólica em que seus valores estão enraizados e através dos quais sua identidade é afirmada (BONNEMAISON, 2005, p. 51) (tradução nossa).

A paisagem também se faz presente nos estudos geossimbólicos e culturais, vista sob o viés da identidade, em que “oferece sinais que permitem grupos humanos em situar eles próprios no tempo e espaço e identificar com uma dada cultura e sociedade” (BONNEMAISON, 2005, p. 51) (tradução nossa). Dessa maneira, tomamos como exemplos monumentos, estátuas, que revelam em muitos casos sobre os agentes espaciais que lá estiveram, mantendo assim tais lembranças na memória das pessoas.

O espaço-símbolo, a partir da análise de Bonnemaision (2012), possui uma gama de significados, sendo o conceito de “espaço vivido” entendido como aquele que está diretamente relacionado à vida cotidiana dos agentes espaciais em questão. Essa vida cotidiana é repleta de significações e de valores manifestados pelo espaço.

Estas significações estão presentes (i)materialmente em símbolos impressos no espaço, relacionado com a cultura local, que de acordo com Bonnemaision (2012, p. 292-293), “os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações”.

Compreendemos assim que os geossímbolos são formas (i)materiais expressas na paisagem e no território. Podem ser fixos ou móveis, representando o cotidiano, os saberes, a maneira como os agentes espaciais conduzem a vida através do trabalho, do conhecimento ou das crenças. Tais símbolos refletem suas visões de mundo enquanto seres que habitam o território – de vida, de pertencimento, enquanto detentores de uma identidade cristalizada por meio dos símbolos espaciais.

A VIDA EM RAPOSA, MARANHÃO

Raposa está situada na Região Metropolitana de São Luís, na Ilha do Maranhão, distante cerca de 28 km do Centro da capital estadual. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), Raposa, no ano de 2019, tinha 30.761 habitantes. A Ilha do Maranhão ainda é composta pelos municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e São Luís, conforme ilustrado na Figura 1, a seguir:



Org.: o autor (2020).

Figura 1. Localização da Ilha do Maranhão.

Raposa tem cerca de 23 anos, sendo que “a criação legal do município data de 10 de novembro de 1994, a partir da lei nº 6.129. Porém a elevação à categoria de município data de 1997” (LEITE *et al.*, 2017, p. 21). Apesar da pouca idade, a cidade guarda muitas tradições e culturas peculiares de décadas, manifestadas no dia a dia dos pescadores e mulheres rendeiras.

É importante destacarmos que, dada à ausência de grandes redes hospitalares, de universidades, dentre outros, os moradores de Raposa buscam em São Luís essas oportunidades, além de um leque maior na oferta de produtos e serviços, havendo para tal, um conjunto de linhas de transporte coletivo semiurbano conectando Raposa aos demais municípios da Ilha.

Contudo, Raposa possui um comércio expressivo, com redes de lojas de departamento, móveis para o lar, hotéis familiares, pequenos supermercados, sorveterias, padarias, igrejas, quadras poliesportivas, bares, restaurantes e as famosas lojas de rendas de bilro, sendo esses três últimos com fluxo considerável de turistas, principalmente aos fins de semana e nos meses de janeiro e julho.

Os territórios da renda de bilro, da pesca e do turismo, presentes especialmente no Corredor das Rendas, na Feira dos Pescadores e nas Agências de Passeios Náuticos, respectivamente, refletem a própria história de Raposa, que data da década de 1950, quando chegaram os primeiros pescadores cearenses, fugitivos da grande seca que abatia parte do nordeste brasileiro, na então longínqua praia, que futuramente seria denominada de Raposa. Assim, afirma Costa e Seabra (2015) a respeito de tal temática:

Em 1958, os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte foram atingidos por uma das mais violentas secas já ocorridas no Nordeste Brasileiro [...]. Ao final de 1958, o total de pessoas atingidas chegava a dois milhões de habitantes, o que levou cerca de duzentas mil pessoas, já sem alternativas, a migrarem para várias outras regiões brasileiras (COSTA; SEABRA, 2015, p. 63-64).

Reis (2007) cita acerca da chegada dos primeiros cearenses em Raposa, dentre eles, Zé Martins e Antônio Pucal:

[...] Em 1949, quando os primeiros pescadores se estabeleceram na praia da Raposa, podia-se contar, a princípio, com um rancho de pescadores. O Sr. Antônio e Sr. José Martins resolveram aventurar a vida no Maranhão. Chegando a São José de Ribamar, entraram em contato com o Sr. José Linhares, que os convidou para trabalhar em currais. Algumas pessoas das proximidades já pescavam, como José Cantor, que já havia feito um pequeno barraco para tratar peixes (REIS, 2007, p. 09).

Posteriormente, outros pescadores, parentes, suas esposas – as mulheres rendeiras de Raposa – vieram do Ceará, a convite daqueles que em Raposa se estabeleceram, por considerarem essa Terra como uma *terra prometida*, devido à abundância de recursos naturais, fugindo das problemáticas de cunho climático que atingia o Ceará, como menciona Costa e Seara (2015, p. 63): “foi só a partir do final do ano de 1958 que ocorreu a grande explosão populacional na Raposa, em decorrência de uma seca que mudou a vida e o destino de milhares de nordestinos: a Seca de 1958”.

Assim afirmam Leite *et al.* (2017, p. 26) em relação a esse processo migratório que culminou no surgimento e crescimento de Raposa:

Raposa nasce com a migração da população cearense, por apresentar características favoráveis a boa pesca, onde inicialmente pescadores cearenses passavam temporadas acampando no local para levar o pescado a outras regiões. Aproximadamente entre as décadas de 40 e 50, iniciou-se o movimento de deslocamento dos pescadores cearenses com suas famílias, para povoar a região.

Nesse sentido, os pescadores e as rendeiras trouxeram consigo um novo modo de ocupar o espaço, reproduzindo em Raposa suas antigas práticas culturais, reveladas nos dias de hoje através dos seus símbolos (i)materiais.

As moradias, ao longo da Avenida dos Pescadores, onde se localiza o Corredor das Rendas, são do estilo alvenaria bem como palafitas, sendo estas fixadas em área de manguezal, revelando desta forma, um conjunto de problemas ambientais que ocorre naquela localidade. Nesse quesito, assevera Silva (2011, p. 18):

O crescimento populacional de Raposa impulsionou o avanço da cidade em direção ao ecossistema manguezal e ao mar, aumentando a proliferação de palafitas, a deposição do lixo e o despejo de esgoto doméstico em áreas de preservação permanente.

Não obstante, apesar dos impactos ambientais, as moradias que abrigam pescadores, rendeiras e promotores turísticos transparecem as múltiplas cores, práticas e crenças oriundas das tradições de décadas em Raposa, manifestadas através da exposição das peças provenientes da renda de bilro, como redes de dormir, vestidos de praia, camisetas, dentre outros, bem como os pescadores que geralmente se reúnem em duplas ou trios para tecer ajustes às redes de pesca na porta de suas casas, deixando-as prontas para uma nova pescaria.

Nesse íterim, em função da atividade pesqueira, da renda de bilro, além do turismo, desponta assim um conjunto de símbolos impressos no território e na paisagem. Os referidos símbolos fazem referência às identidades locais, fortalecendo-os enquanto agentes espaciais que ali vivem e fazem a vida acontecer diariamente, revelando a Raposa uma e múltipla, a qual este artigo pretende abordar.

RAPOSA ENTRE REDES, RENDAS E BARCOS

A partir das entrevistas semiestruturadas desenvolvidas com os agentes espaciais de Raposa, foi possível traçarmos um perfil acerca das mulheres rendeiras, dos pescadores e dos promotores turísticos, no que tange o campo de atuação, as problemáticas e os sentimentos envolvidos.

As mulheres rendeiras, concentradas no Corredor das Rendas de Raposa, descreveram sobre a influência da renda cearense para com a renda local; o modo e os materiais que tecem a renda de bilro; a importância da Associação das Rendeiras enquanto um espaço que as agrega em torno da própria renda, símbolo que além de gerar a renda financeira que as sustentam, evoca ainda o sentimento de pertencimento à Raposa, sendo ainda um espaço disseminador de conhecimento àqueles que desejam aprender a tecer a renda de bilro.

Nesse sentido, assim assegura Santos e Lopes (2017, p. 77):

[...] a tradição rendeira da cidade vai muito além de uma fonte de renda em si mesma, ou de complementação de renda: é, também, e não menos importante, uma manifestação da própria identidade cultural e social das mulheres daquela

cidade, e, ainda, um caminho de empoderamento das mulheres que não ficam reduzidas às funções do lar, mas ajudam de maneira ativa no motor que gira a produção de renda na cidade.

No que concerne aos pescadores, estes também têm seus símbolos (i)materiais próprios, presentes em diversos espaços de Raposa. Tais símbolos que serão aqui trabalhados – a Feira dos Pescadores e a Colônia de Pescadores – revelam, a partir dos depoimentos adquiridos em campo, a importância e o significado para os pescadores, bem como para Raposa.

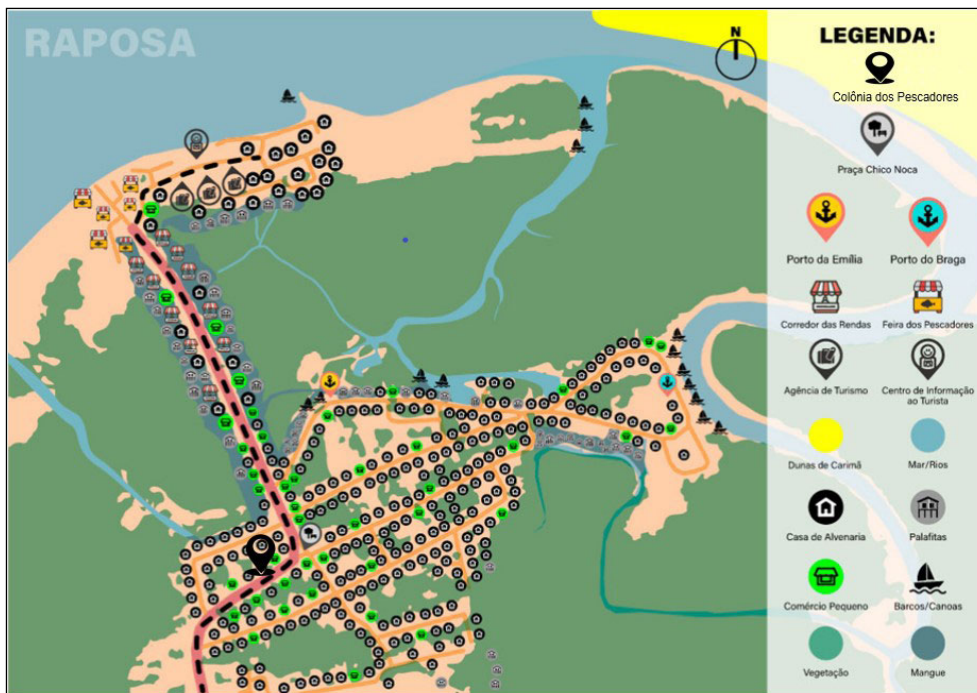
Dentre os entrevistados, os usuários da Colônia de Pescadores que a buscam como um espaço em que podem angariar apoio e serviços, fortalecendo desta maneira o próprio papel do pescador de Raposa. Ademais, conhecemos, a partir da fala de pescadores, vendedores e atravessadores de pescado, na Feira dos Pescadores, como ocorre a dinâmica naquele espaço – que é intenso ao longo do dia, onde as vozes se misturam, onde o pescado é a fonte da renda financeira, assim como é a própria manifestação da cultura de décadas que se encontra presente em Raposa.

A respeito do turismo de passeio náutico, esta é uma prática entre os agentes espaciais entrevistados, feita por aqueles que outrora já trabalharam com pesca ou com a renda de bilro. Eles encontraram no turismo uma nova oportunidade para adquirir renda financeira, associada ao prazer em trabalhar ao ar livre, tendo contato com a natureza e com os turistas que adquirem seus pacotes turísticos.

Assim afirmam Leite *et al.* (2017, p. 30):

A travessia e os passeios de barcos é um dos fatores que contribui para a economia dos moradores locais, fazendo uso dos saberes empíricos, para explorar a área com atividades turísticas, se apropriando do fluxo de visitantes que frequentam o local em temporadas de lazer.

Nesta sequência, iremos abordar acerca das atividades desenvolvidas, da importância e dos desafios dos pescadores, das rendeiras e dos promotores turísticos, que a partir dos seus depoimentos, revelaram um conjunto de significados por nós interpretados e registrados, ilustrando os seus geossímbolos que fortalecem suas identidades enquanto agentes que ali vivem e reproduzem cotidianamente suas práticas socioculturais, sendo delineadas suas localizações na Figura 2, conseguinte:



Org.: o autor (2019). Digitalizado por Hewald (2019).

Figura 2. Localização dos geossímbolos de pescadores, rendeiras e promotores turísticos, em Raposa.

Ao longo da Avenida dos Pescadores, visualizam-se símbolos que fazem referência à imagem do pescador da cidade, como a Colônia de Pescadores e a Feira dos Pescadores. A Colônia de Pescadores Z-53 tem a sua fachada destoada das demais construções ao seu redor, como ilustrado abaixo na Figura 3. A sede, internamente, é organizada, oferecendo atendimento aos colonos – pescadores e marisqueiras – por meio de senhas. Diariamente, muitos colonos a procuram em busca de apoio e prestação de serviços, os quais serão enfatizados.



Fonte: o autor (2018).

Figura 3. Sede da Colônia de Pescadores.

De acordo com o Entrevistado “1”, funcionário da Colônia de Pescadores, “a Colônia tem todo esse teor de representatividade”. A representatividade está presente no modo como os colonos se declaram pescadores, para que possam requerer os serviços prestados. Ainda de acordo com “1”, o pescador “tem que se declarar, e ela tem que exercer essa profissão [...]. A pessoa precisa de provas que certifique que ele é pescador, então a gente tem várias provas que a pessoa pode se autodeclarar como pescador”.

Dentre os serviços prestados pela Colônia, de acordo com o funcionário “1”: “a gente serve como um comunicador do pescador em relação com os órgãos federais”. Ademais, há o salário materno, o auxílio doença e a aposentadoria. Assim, “1” prossegue:

A pessoa que é contribuinte sendo pescador que é colonizado, a mulher ela tem direito ao auxílio materno, ao auxílio doença e aposentadoria. Isso é o benefício que o INSS dá para essas pessoas que são colonizadas. Independente de ser colonizado ou não, o pescador ele tem direito ao INSS. Só que ao apresentar uma contribuição ao sindicato ou a uma colônia, isso reforça a questão da prática dessa profissão, então basicamente os benefícios são esses: salário materno, auxílio doença e aposentadoria. Pra mulher, acrescenta essa questão do salário materno, pro homem só o auxílio doença e aposentadoria (Entrevistado “1”).

A taxa de associação à Colônia é paga mensalmente, variando entre R\$ 12,00 (doze reais) e R\$ 12,50 (doze reais e cinquenta centavos), de acordo com os relatos de campo. Notamos que, entre alguns pescadores entrevistados no Centro de Raposa, há certa falta de apoio e representatividade em relação à Colônia. De acordo com o Entrevistado “2”:

A gente procura ver quando a gente adoce pra se encostar, pra receber alguma coisa, mas não tem nada, um auxílio. Até quando um barco *tá* no prego, aí fora a gente vai correr em cima lá [...]. Se um barco pregar, são os próprios *mesmo* que ajudam os outros. Se cair doente, são os próprios pescadores que ajudam (Entrevistado “2”).

Pudemos ainda conhecer um pouco mais da relação entre os colonos e a Colônia. Muitos que utilizam seus serviços são do sexo feminino, que se declaram como marisqueiras, fato esse ressaltado pelo funcionário, o Entrevistado “1”: “A maioria é mulher [...]. Estima-se que cerca de 75% dos colonizados é mulher”.

A Entrevistada “3”, que exerce a função de marisqueira, relatou que a procura pelo “seguro (defeso), antes tinha dentista [...], agora não tem mais [...]”. A Colônia é importante para ela no sentido de que quando o colono adoce, podem receber uma quantia em espécie por três meses, ou encaminham para o INSS. A Colônia, para “3”, reforça sua identidade enquanto marisqueira, pois “se não tivesse ela, não tinha como ter reconhecimento da profissão”.

Outra associada, a Entrevistada “4”, mencionou que a Colônia ajuda os pescadores “no seguro defeso, quando *tá* no período do seguro defeso, sou uma segurada especial do INSS”, reforçando assim sua ligação com a Colônia, enquanto marisqueira.

Em relação às problemáticas enfrentadas pela Colônia, o Entrevistado “1” relatou que a cada mudança de gestão no Governo Federal há demora na concessão dos benefícios para os colonos, em que “poderia ser concedido em dois meses, ou quatro meses, ele passa de sete meses a um ano pra ser concedido”. Além disso, há a questão da inadimplência,

em que nem todo dia há uma boa pescaria. O dinheiro recebido pelos pescadores varia de acordo com o dia e se houve pesca e venda do pescado, mas há compensação salarial quando ocorre o período do defeso.

Ao fim da Avenida dos Pescadores, localiza-se a Feira dos Pescadores. Nesse local, é possível visualizar uma intensa circulação de pessoas e mercadorias, em sua maioria os próprios pescadores, os compradores e os que revendem o pescado, mas não exercem a função de pescador. Há também outras modalidades de comércio, como bares, lojas de equipamento para pesca, restaurantes, mercearias, como mostra a Figura 4.



Fonte: o autor (2019).

Figura 4. Feira dos Pescadores.

Percebemos que o termo Feira dos Pescadores é utilizado pelos pescadores ou vendedores para se referir àquele espaço onde se comercializa o pescado. Não há uma padronização, mas há organização entre os próprios vendedores e pescadores para o uso daquele espaço, como atesta o Entrevistado “5”, vendedor de pescado: “Aí não tem tabela de nada. Bota aí e vai vendendo”, sendo reforçado pelo Entrevistado “6”, vendedor de pescado, em que cada pescador “tem seu *pontozinho* para sobreviver [...]. O pescador trazendo a gente compra, a gente vende, e assim *vamo* levando aí”.

Também é frequente a circulação de carros e caminhonetes, utilizados para o transporte do pescado para outras regiões da Ilha do Maranhão. Há ainda a exportação do pescado para outras cidades distantes, a exemplo de São Paulo, como afirma o Entrevistado “7”, funcionário de uma peixaria próxima:

Rapaz, a gente compra dessas praias aí de baixo, Belém (Pará) e daqui de Raposa. Aí vem pra cá, daí aqui a gente embala, leva pro aeroporto e vai [...]. A gente compra (o pescado) e manda pra São Paulo. (Aqui se) compra por R\$ 20,00 e R\$ 25,00 [...], eles (os clientes de São Paulo) compram por R\$ 30,00 e vende por R\$ 35,00 e R\$ 40,00 (Entrevistado “7”).

Para compreendermos mais da dinâmica que ocorre naquele espaço, realizamos entrevistas com pescadores e vendedores de pescado. Dentre eles, o Entrevistado “6”, que mencionou que o intenso movimento na Feira dos Pescadores ocorre das seis da manhã às seis da tarde, com os horários de maior movimento percebidos no momento em que os pescadores chegam da pescaria.

Em relação à ligação entre pescadores e vendedores com a Feira, percebemos que o citado espaço é *locus* de reprodução do trabalho; é uma tradição que vem de família. Os entrevistados mencionaram que seus pais são oriundos do Ceará. O Entrevistado “5” expôs que possui três irmãos. Possuem seu próprio barco, trabalham juntos e vivem da pesca.

Tanto o Entrevistado “8” quanto o Entrevistado “5”, ao longo da entrevista, mostravam com orgulho as suas mercadorias. Para o Entrevistado “8”, o peixe de Raposa “é o melhor. Aqui é peixe demais, graças a Deus”. Viver em Raposa, para o Entrevistado “9”, pescador, “é uma felicidade. Eu vim do Ceará pra cá e aqui estou. Eu gosto muito daqui, muito bom aqui, né?! [...] A gente faz muita amizade, Raposa é uma terra abençoada”.

Desse modo, inferimos que a Feira dos Pescadores simboliza a reprodução da vida, manifestada no cotidiano no qual se desenvolve os sentimentos entre o lugar e as pessoas e entre as pessoas em si. “O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo” (CARLOS, 2007, p. 14).

Entre a Colônia e a Feira, na Avenida dos Pescadores, localiza-se o trecho conhecido como Corredor das Rendas de Raposa. Ali ocorre a exposição, nas varandas das casas/pequenas fábricas de alvenaria e palafitas, fincadas sobre o mangue, de variados produtos oriundos da confecção da renda de bilro, tais como roupas de praia, vestidos, camisetas, dentre outros, sendo esses dos principais souvenirs adquiridos pelos turistas que visitam Raposa.

O Corredor das Rendas, retratado na Figura 5, é um dos elementos simbólicos que dinamizam o espaço de Raposa, uma das territorialidades de vida que expressa o cotidiano e as tradições transmitidas ao longo do tempo, trazido pelas mulheres rendeiras do Ceará.



Fonte: o autor (2018).

Figura 5. Corredor das Rendas de Raposa, MA.

A origem da renda, de acordo com a Entrevistada “10”, pode ter sido portuguesa ou francesa. A entrevistada relembra que turistas franceses passaram em seu comércio e comentaram que há diferenças; os instrumentos de trabalho são naturais (o coco, tucumã, espinho do mandacaru, palha de bananeira), adaptados ao modo de vida de Raposa.

Em consequente, assim sustenta Leite *et al.* (2017, p. 26-27) no que diz respeito à origem da renda de bilro:

Em sua trajetória, a renda surge na Europa no século XV, não se sabe ao certo qual o seu país de origem, no entanto há manifestações desta cultura na Bélgica, França, Itália e Portugal. Foi trazida para o Brasil pelos portugueses em meados do século XVIII, a técnica de bilros era praticada pelas portuguesas, e normalmente encontrada nas regiões pesqueiras de Portugal, o que pode ter influenciado na tradição de se manter nas regiões do litoral brasileiro.

Ainda de acordo com a Entrevistada “10”, o surgimento do Corredor das Rendas de Raposa ocorreu:

[...] pelo fato de que [...] minha mãe foi a primeira lojista. Ela fazia e vendia; dali foi passando, foi aumentando a procura, né?! [...] Começou a vender bastante, a comprar outras mercadorias. Aí minhas tias também, aí teve outras pessoas, e esse corredor é só porque é nessa avenida, né?! E se tu for olhar, tem muitas artesãs fazendo renda aqui na avenida, e tem suas próprias lojinhas também [...]. Foi tudo muito espontâneo (Entrevistada “10”).

No trecho do Corredor das Rendas também se concentram outras atividades econômicas, como pequenos comércios e bares. Destacamos que neste espaço está a nova sede da Associação das Rendeiras – sendo essa nova sede ainda sem uso pelas rendeiras. Atualmente, encontra-se em atividade a Associação das Rendeiras Bilros de Ouro, localizada próximo à Praça Chico Noca, no Centro.

Segundo a Entrevistada “11”, presidenta da Associação das Rendeiras, a mesma foi fundada em 1987, com o objetivo de ter um espaço para que as rendeiras pudessem expor seus trabalhos para venda, diretamente para o consumidor. A ideia surgiu de “R”, rendeira, com demais profissionais do ramo, que fundaram a Associação. Além da comercialização, a Associação objetivava firmar parcerias com órgãos públicos.

Contudo, conforme mencionaram as Entrevistadas “11” e “12”, a Associação das Rendeiras Bilros de Ouro foi reativada em 2005, após oito anos desativada. As atividades desenvolvidas são confecções, cursos para a comunidade na confecção de renda; pintura; além de ser um ponto de encontro para discussões sobre as atividades e vendas em Raposa e em outros espaços de São Luís, como *shoppings* e no Centro Histórico.

Nesse sentido, ainda de acordo a Entrevistada “12”, há constantes reuniões entre as rendeiras na Associação. Os encontros ocorrem à tarde, pois no turno matutino, normalmente as rendeiras se ocupam com afazeres domésticos ou outro exercício, sendo que algumas praticam a docência. A Associação tem parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI e com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, na qual são ofertados cursos para a comunidade em geral, capacitando novas pessoas para trabalhar no ramo da renda de bilro. A Entrevistada “12” comenta inclusive sobre a importância desses cursos para os jovens interessados, principalmente pelo aprendizado na confecção de bijuterias.

Os entraves elencados pela Entrevistada “12” ocorrem pela falta de incentivo por parte dos governantes, no que tange à aquisição de materiais para a confecção da renda, além da queda no número de turistas em Raposa ao longo dos anos. Ademais aponta quanto ao novo prédio da Associação das Rendeiras, sem uso por elas:

Aquele prédio lá tá numa enrolada louca [...]. Foi financiado pelo Banco do Brasil. Foi uma obra mal feita, e foi parar na justiça [...]. Lá é tão bom [...], pois aquele prédio é ventilado e tem espaço pra a gente poder colocar nossa renda. (O prédio) é caminho do turista, era melhor, e eu acho que não tem previsão de quando vai (funcionar) (Entrevistada “12”).

A Entrevistada “11” e “12” narraram, durante as entrevistas realizadas em suas casas, que se sentiam orgulhosas pela renda de bilro desenvolvida em Raposa, pois o trabalho é mais elaborado, caprichado e possui maior diversidade de peças de renda de bilro, se comparado com outros modelos de renda, como o do Ceará. A Entrevistada “12” assim descreveu sobre o valor e o significado da Associação:

(Significa) muito porque é lá onde a gente consegue, às vezes, até o impossível [...] porque [...], abaixo de Deus, né?! Porque Deus é tudo, mas lá é onde a gente conseguimos as nossas encomendas, a gente consegue conversar umas com as outras, saber quais são os problemas, o quê que precisa, o quê que não precisa, o que a gente pode adaptar mais, o que a gente não pode fazer. Então, é muito importante, e através de lá, é o complemento da nossa renda familiar (Entrevistada “12”).

Notamos assim que a Associação das Rendeiras desperta nelas um sentimento de pertencimento ao lugar. É o lugar do encontro, também exercido nas portas das casas/ pequenas fábricas localizadas no Corredor das Rendas, onde podem compartilhar ideias. É um território simbólico, capaz de emanar a cultura enquanto elemento do desenrolar da vida e do cotidiano.

Próximo à orla de Raposa, em frente ao Centro de Informações ao Turista, localizam-se algumas Agências de Passeios Náuticos. Então, há uma alta circulação de turistas, com suas câmeras fotográficas registrando as paisagens naturais de Raposa. Constatamos que muitos turistas que aportam em Raposa são oriundos de São Luís, ficando evidente pelas placas dos carros estacionados próximos à orla. A frequência dos turistas em Raposa ocorre de maneira massiva nos feriados e aos fins de semana. O lazer, dado pelas praias, em especial a Praia de Carimã e pelos restaurantes, bem como os passeios náuticos, constituem o conjunto da atração turística de Raposa.

Outrossim, foram conhecidas três agências de passeios náuticos, neste artigo identificadas como Agência “P.N.”; Agência “G.T.” e Agência “A.T.”.

Percebemos que há similaridade entre as agências de turismo, as quais estão localizadas próximas entre si. Há um indicativo de que os promotores turísticos do município se conhecem, vivem o lugar em seus mais variados modos, assim como dele tiram sua renda financeira.

Além disso, há semelhança no roteiro ofertado pelas Agências de Passeios Náuticos, como reportou a Entrevistada “13”, da Agência “P. N.”:

De duas horas, com duas paradas para banho: do banho do marisco e das Fronhas; o de quatro horas, que passa pelo criadouro de ostras, Ilha de Hélio

Viana, no banho do marisco e nas Fronhas; e o do dia todo, que vai pela Ilha de Curupu, criadouro de ostras, Ilha de Hélio Viana, banho do marisco, Praia de Carimã e as Fronhas (Entrevistada “13”).

Outra participante, a Entrevistada “14”, é proprietária da Agência de Turismo “G.T.”. A Agência oferece os seguintes passeios, semelhantes ao ofertado pela Entrevistada “13”: há o “roteiro de duas horas, com o banho do marisco, Ilha de Carimã; tem o de quatro horas, que faz Ilha de Carimã, banho do marisco, criatório de ostras, e tem o dia todo, que a gente fica na Ilha de Curupu”. É importante avultarmos que a Ilha de Curupu, distante cinco minutos de barco do píer de Raposa, é comumente chamada por alguns moradores como Ilha de Carimã, pois ali se localiza uma praia com o mesmo gentílico.

O Entrevistado “15”, funcionário da Agência “A. T.”, assinalou que entrou no ramo do turismo no ano de 2010. Segundo ele, a agência oferece os seguintes pacotes:

A gente tem três *pacote* pra turismo aqui: o primeiro é de duas horas de duração, com duas parada pra banho, tem um segundo pacote, que é quatro parada pra banho, e vai na fazenda da ostra, a gente trabalha criando peixe pro cliente, que é a tradição aqui; prepara camaroadá, caranguejada, vai no gosto do cliente, e tem o terceiro passeio, que é o do dia todo, que o pessoal sai pra Curupu, sai às 8h20min e retorna cinco *hora* da tarde. Tem umas trilhas também, mas a maioria do pessoal [...] quer parar pra tirar foto e comer um peixe grelhado. Quem se interessa por isso é o turista de fora, o japonês, é o coreano, é o italiano, é o francês, é o americano [...] das *agência* que bota pra nós, que tem convênio com agência (Entrevistado “15”).

Ele ainda sublinhou que a empresa possui parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, com o intuito de promover cursos de qualificação para os funcionários, motivados pela presença de turistas estrangeiros que são trazidos pelas Agências de Turismo de São Luís:

A gente *fizemo* o curso do SEBRAE, e a partir do dia 8, teremos curso de inglês, pois agora vai chegar muito turista, e eles falam o nosso idioma muito arrastado, né? Então a gente tem uma dificuldade. A gente quer acabar com isso (com o intérprete), a gente que paga o intérprete. A gente quer aprender a linguagem deles, informar pra eles pessoalmente, explicar tudo direitinho, as paradas do banho e explicar pra eles o aratum, conhecer a ostra, o caranguejo, o *sanambi*, sururu (Entrevistado “15”).

O mencionado promotor turístico seguiu tecendo críticas à falta de organização do espaço para receber e situar o turista que se desloca em Raposa:

[...] Você entra daqui pra lá. Você vê alguma placa indicando roteiro turístico? Não, né? Pra você saber, só se você já veio aqui ou só se você procurar. Você percebe pela placa onde se inicia Raposa, deveria estar próximo ao Alphaville (condomínio) (Entrevistado “15”).

Sobre viver em Raposa, os referidos profissionais mencionaram o orgulho que sentem. A Entrevistada “13” exprimiu que nasceu, se criou, teve filhos e netos em Raposa. Tem uma relação amistosa com seus conterrâneos, é um lugar que lhe traz paz. Ela prossegue: “eu me

sinto muito bem no meu lugar e eu conheço outros lugares, mas igual ao meu, não tem”. Para o Entrevistado “15”, “a Raposa tem tudo pra crescer. Ela tem o turismo muito bom, as praias daqui não são *poluente*, não tem rede de esgoto despejando na praia”. Já para a Entrevistada “14”, viver em Raposa é tranquilo, é ter o mar em frente a sua casa. É o orgulho de ser de Raposa quando se mostra as belezas da cidade, que lhe faz gostar de trabalhar com turismo.

Com o intuito de inteirar-nos um pouco mais sobre o perfil do turista que visita a cidade, obtivemos acesso aos dados junto à Secretaria de Turismo do Maranhão – SETUR/MA (2019), correspondente ao período de março de 2018 a março de 2019. Apreendemos, através dos referidos dados, que os turistas que visitam Raposa são originários de determinadas cidades do Maranhão, do Brasil e do mundo.

O perfil do turista que visita Raposa é, notoriamente, aquele que passa um dia e depois retorna para São Luís, cujas atividades estão relacionadas à aquisição de souvenirs, bem como à culinária e passeios às praias e à Ilha de Curupu. A Entrevistada “16”, que trabalha no Centro de Informação ao Turista de Raposa, no que diz respeito aos turistas, frisa: “eles sempre vêm através dos passeios [...]. Geralmente, têm os passeios de duração de uma, duas e de quatro horas, e também tem a culinária, as rendeiras [...] a gente sempre informa isso [...]”.

No Maranhão, destaca-se São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Caxias, Açailândia, Imperatriz, Pinheiro, Bacabal, Urbano Santos, Barreirinhas, Tutóia, Colinas, Zé Doca, Chapadinha, Santa Inês, São Mateus, Bacuri, Viana, Balsas, Coroatá, Barra do Corda, Humberto de Campos, Timon, além de próprios moradores de Raposa.

De acordo com dados da SETUR/MA (2019), no período de março de 2018 a março de 2019, Raposa recebeu turistas de todos os estados brasileiros, com exceção dos estados do Acre e Mato Grosso do Sul.

Entre os turistas internacionais, há nacionalidades como alemã, argentina, canadense, estadunidense, espanhola, britânica, paraguaia, colombiana, japonesa, holandesa e francesa, no período supracitado, com dados obtidos pela Secretaria de Estado.

Dentre os turistas, a Entrevistada “17”, cidadã belga, acompanhada por duas amigas ludovicenses, comenta: “Eu não sei muito sobre aqui, pois é a minha primeira vez e nós fizemos o passeio de barco por três horas, e eu não vou levar algo daqui, pois estou em São Luís” (tradução nossa).

Ainda segundo a mesma visitante, não possuía conhecimento sobre Raposa, mas soube por intermédio das suas amigas, com as quais estava hospedada em São Luís. A Entrevistada “17” e suas acompanhantes permaneceram somente durante o passeio de barco em Raposa, voltando em seguida, de carro, para São Luís.

A Entrevistada “18”, uma das acompanhantes da Entrevistada “17”, relatou que a trouxe para Raposa pois tinha interesse em mostrar “nossa terrinha pra pessoa que é de fora, a nossa beleza natural”, sem diferenciar, na sua fala, Raposa de São Luís.

Outro entrevistado estrangeiro, o Entrevistado “19”, conta que aquela viagem é a sua terceira, nas quais passa apenas um dia. Leva para seu país, como souvenir, o artesanato, a renda. Comparou a atividade da renda com a mesma de dez anos atrás que, em sua visão, diminuiu bastante. Mas que Raposa ainda lhe traz boas e belas paisagens.

Entre turistas nacionais, a Entrevistada “20” estava acompanhada de dois amigos. Vieram do Rio de Janeiro durante o período junino, para conhecer as festividades de época, fazer trilha nos Lençóis Maranhenses e escolheram um dia livre para conhecer Raposa. Souberam do município “por indicação, por moradores lá do Centro da cidade de São Luís. *Tô apaixonada e a minha amiga também*”. Ambas se deslocaram para Raposa usando transporte por aplicativo. Sobre a permanência, só fizeram um bate-volta e estavam ansiosas para assistir ao pôr do sol

e tirar fotos como recordação desse que se tornou um lugar especial para a Entrevistada “20”, refletido no desejo em retornar, em uma próxima oportunidade, à Raposa e ao Maranhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferimos que a cultura é fundamental para a compreensão da realidade das comunidades e dos seus territórios de vida; territórios esses repletos de significados, formando um campo forte de (re)criação de identidades e de símbolos que remetem à origem e ao cotidiano dos agentes espaciais que os constituem.

A origem de Raposa está diretamente relacionada aos pescadores cearenses que migraram devido a uma seca que atingia o nordeste brasileiro nos anos de 1950. Entre outros Estados, e até pela proximidade, o Maranhão funcionou como uma dessas paragens daqueles homens, que ficou conhecida como a *Terra Prometida* (COSTA; SEABRA, 2015), obtendo essa conotação especial mediante a fartura do peixe e de outras condições ambientais favoráveis.

Após os pescadores conhecerem àquela Praia, que seria denominada de Raposa, retornaram ao Ceará a fim de buscar os seus familiares, entre eles as esposas rendeiras, apontadas como as mulheres que implantariam em Raposa a cultura da rendaria – hoje marca espaço-identitária do lugar.

Dentre os símbolos que envolvem pescadores, rendeiras e promotores turísticos – compreendidos aqui como geossímbolos – por emanar a identidade, o sentimento de pertencimento, fortalecendo-os enquanto agentes espaciais que lá vivem e fazem a vida acontecer –, foram destacados a Colônia de Pescadores, a Feira dos Pescadores, o Corredor das Rendas, a Associação das Rendeiras e as Agências de Passeios Náuticos.

Compreendemos que o significado da Colônia de Pescadores está no fato de que ali é um espaço onde os pescadores procuram por serviços, como pela concessão de auxílio tanto para mulheres quanto para os homens. Os serviços prestados pela Colônia são de suma importância, pois através deles, os pescadores têm uma garantia dos seus direitos preservados. Contudo, consideramos ser necessário haver uma abrangência maior para que todos sejam acolhidos, servindo assim como uma intermediadora eficaz entre os pescadores e os órgãos competentes.

Em relação à Feira dos Pescadores, percebemos que, naquele território, há uma intensa interação entre os pescadores e aqueles que usam a pesca para sobreviver. O corpo presente e flutuante, a voz que convence e articula com os demais colegas e potenciais compradores se mostram fundamentais para conviver e vender o pescado, símbolo referência de Raposa.

No que diz respeito às rendeiras, as lojas, o Corredor das Rendas, a Associação das Rendeiras e a própria renda refletem seus geossímbolos, as unindo em torno do propósito de manter a tradição e comercialização do produto, manifestado nessa territorialidade cultural. É o modo como essas agentes se apropriam do território, cujo vínculo se manifesta por meio das crenças, dos saberes em comum, criando dessa forma uma identidade territorial, despertando assim um sentimento de pertencimento ao lugar – do encontro – emanando a cultura enquanto elemento do desenrolar da vida e do cotidiano.

Ao que pudemos apurar, o turismo em Raposa se revela por uma dinâmica territorial singular, no qual a pesca e a rendaria complementam a oferta dada pelos passeios náuticos, bem como os recursos naturais, como as praias. Os promotores turísticos entrevistados reconhecem as potencialidades naturais do lugar e dele fazem uso para obter os recursos capazes de gerar a sobrevivência e a vivência de múltiplos modos de existir.

Nesse sentido, “o orgulho de ser raposense” favorece a atividade turística, uma vez que as pessoas do lugar se sentem com mais propriedade para mostrar a *Raposa turística*. Ser de Raposa exterioriza relacionamentos tranquilos com os vizinhos, com os colegas

de profissão e com os turistas. É também conhecer a natureza para dela tirar seu sustento financeiro que faz com que a vida possa acontecer.

Destarte, as narrativas de vida abraçadas em campo demonstraram que o conhecimento da Terra, que envolve o sentimento de ser e viver em Raposa entre (des)conhecidos, revela a vida por meio da relação de homens e mulheres com o mar, com a arte de tecer a rendaria e com a tarefa de recepcionar estrangeiros e conterrâneos de pátria, permitindo assim tirar dali o sustento, configurando territórios e territorialidades que podem se refazer no curso do dia, no sobe e desce da maré e a cada tempo de férias ou festivo.

Esses territórios da vida traduzem a identidade cultural-espacial de Raposa, que é reflexo de crenças, saberes e memória, de trabalho, de lazer e de desejos. Eis então um conjunto de significados (i)materiais que remete Raposa enquanto Terra única e plural.

REFERÊNCIAS

- BONNEMAISON, J. **Culture and space: conceiving a new cultural geography**. New York: I. B. Tauris, 2005.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. v. 1. p. 279-303.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- COSTA, R. P.; SEABRA, M. C. T. C. de. **As palavras sob um viés cultural: o léxico dos pescadores da Raposa, Maranhão**. São Luís: Editora UEMA, 2015.
- HAESBAERT, R. **Viver no limite**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- IBGE. **Panorama populacional de Raposa**. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/raposa/panorama>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- LEITE, C. A. S.; MARTZ, D. F.; SILVA, M. E. F. O município de Raposa no Maranhão: da construção histórica e cultural aos efeitos atuais da urbanização. *In*: MELO, J. C. (org.). **(Re)descobrimo o município de Raposa através do PET: conexões dos saberes, pesquisa e extensão em espaços sociopedagógicos**. São Luís: EdUFMA, 2017. p. 19-35.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.
- REIS, J. R. S. dos. Cidade de Raposa: encanto das águas. **Revista A Biana**. Raposa, ed. 01, ano 01, fev. 2007.
- SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, J. O. N.; LOPES, A. R. S. Artesanato e cidadania: a produção de rendas no município de Raposa-MA e a importância do amparo legal para o desenvolvimento da atividade no município. *In*: MELO, J. C. (org.). **(Re)descobrimo o município de Raposa através do PET: conexões dos saberes, pesquisa e extensão em espaços sociopedagógicos**. São Luís: EdUFMA, 2017. p. 75-85.
- SETUR/MA. **Dados impressos sobre o turismo em Raposa – MA, entre março de 2018 e março de 2019**. Disponível na própria instituição. Acesso em: 19 jul. 2019.
- SILVA, N. **Cidade de Raposa: análise geográfica do espaço socioambiental**. 2. ed. São Luís: NS Editor, 2011.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.